

Lideranças migrantes e resistência a partir da narrativa de mulher migrante latino-americana na cidade de Houston - Texas¹

Érica Sarmiento²

Resumo

O artigo faz parte de uma pesquisa realizada na cidade de Houston, em maio de 2024, formada por um conjunto de nove entrevistas, com lideranças migrantes latino-americanas. A partir do testemunho de uma líder migrante, Sonia Rubio Rosas, de origem mexicana, que chega no começo do século XXI a Houston, compreenderemos e analisaremos algumas características das migrações forçadas de latino-americanas(os) no Sul dos Estados Unidos. As narrativas envolvem questões de violências de gênero, de fronteiras e de necropolítica que atingem, também, de forma geral, corpos migrantes de origem não branca.

Palavras-chave

Resistência; Violência; Liderança; Mulher migrante latina; Houston.

Migrant leadership and resistance from the narrative of a Latin American migrant woman in the city of Houston - Texas

Abstract

The article is part of a study carried out in the city of Houston in May 2024, consisting of nine interviews with Latin American migrant leaders. Based on the testimony of a migrant leader, Sonia Rubio Rosas, of Mexican origin, who arrived in Houston at the beginning of the 20th century, we will understand and analyze some characteristics of the forced migrations of Latin Americans in the south of the United States. The narratives involve issues of gender violence, borders and necropolitics, which also affect migrant bodies of non-white origin in general.

Keywords

Resistance; Violence; Leadership; Latina migrant women; Houston.

Artigo recebido em fevereiro de 2025

Artigo aceito em março de 2025



Introdução

Em maio de 2024, a partir de experiências vividas em primeira pessoa na cidade de Houston (Texas, EUA), tive a possibilidade de conhecer e entrevistar³ algumas lideranças migrantes de origem latino-americana, basicamente de países centro-americanos e do México. A proposta neste artigo é compreender não propriamente as migrações, mas os migrantes, como sujeitos sociais ativos dos processos migratórios. Eles não são agentes passivos de forças estruturais ou de fatores de “expulsão” ou “atração”, nem simples força de trabalho, mas se constituem enquanto sujeitos na própria experiência de deslocamentos, nos espaços de trabalho, na família, ou ainda nas formas de organização associativa e política e práticas de sociabilidade. A noção de sujeitos sociais e não de fenômenos sociais passa a ser o centro dos objetos de pesquisa, contrapondo-se às perspectivas estruturalistas que acabam tornando invisível a ação de homens e mulheres concretos (MENEZES; COVER, 2018).

Por outro lado, cabe também analisar as migrações, objeto deste estudo, nos Estados Unidos, a partir da ideia de subalternidade migratória. Entendo que muitos migrantes são marcados pela violência da dominação, dentro da proposta do capitalismo ocidental, e em decorrência disso, vivem um silêncio estrutural, de medo e de angústia, pela possibilidade de deportação. O sujeito subalterno tem voz e fala, mas não é escutado, é silenciado, como foram muitos ao longo de suas experiências migratórias. Entretanto, esse sujeito sem voz, marginalizado, só o é aparentemente, pois se faz escutar, habitando e construindo novos espaços de identidade e de resistência, onde se recupera sua voz, conhecimentos e práticas. O desafio se encontra na maneira de escutá-lo, bem com as formas de incorporação das vozes, dos relatos, do conhecimento e das experiências voltadas à reescrita da história e à sua reivindicação epistêmica (DIAZ, 2022, p. 75). Elas (as vozes) têm uma lógica própria e interna frente ao sistema hegemônico que trata de sub-

metê-las: os sujeitos oprimidos falam, atuam e se conhecem por si mesmos, além da representação retórica que os aborda (SPIVAK, 1994). Por isso, é importante deixá-los falar e tomarem as rédeas de sua história como forma de romper com o discurso predominante.

As subjetividades e narrativas dos sujeitos e sujeitas migrantes, seus testemunhos de vida acerca de suas trajetórias, desde a sua origem até a chegada aos Estados Unidos, possibilitaram a compreensão das falas, analisadas a partir das ferramentas da metodologia da História Oral e da História das Emoções para analisar os afetos, os sofrimentos, as memórias traumáticas sofridas pelos migrantes, possuidores de uma memória individual, mas que não pode ser separada da memória coletiva.

Com base na definição do conceito de emoções que, segundo Alain Corbin (2017, p. 7), englobaria amplamente o continente dos afetos, sentimentos e culturas sensíveis, objetivamos estudar as vidas migrantes e as redes sociais e afetivas que as circundam. Essa reflexão se concentrará na dimensão coletiva das emoções, baseando-se na ideia de que não são apenas fenômenos psicológicos ligados a uma abordagem introspectiva, mas também elas, as emoções, se configuram como fatos "sociais", no sentido de que motivam o comportamento e também se constituem como um elemento-chave na socialização, desempenhando um papel proeminente nas relações sociais, tais como a coesão, a solidariedade, a amizade, mas também a exclusão, a hierarquia ou o antagonismo (DELUERMOZ; FUREIX; MAZUREL; QUALDI, 2013). Em outras palavras, os sentimentos serão analisados não tanto como fenômenos psicológicos, mas como realidades sociais e culturais.

Em relação à metodologia da história oral, procurei, nas abordagens, criar empatia, assumindo uma posição de escuta atenta que estabelecesse uma relação de confiança com os migrantes para logo chegar à subjetividade de suas memórias. Da escuta passiva à observação participativa durante as entrevistas, vi-me envolvida, entre risos e lágrimas, retornando às origens, ao passado e ao presente dessas





trajetórias migrantes. Ao longo das entrevistas, as vidas e as histórias ganharam uma finalidade ao encontrar ouvidos atentos, ecoando os vínculos com outros espaços e contextos históricos, a consciência de ter suportado e compreendido muita coisa, proporcionando-lhes alegria e, também, a ocasião de mostrar sua competência no espaço escolhido – ou não – para a ressignificação de seus projetos de vida. Cabe lembrar como tão bem ensina Alessandro Portelli, que o primeiro aspecto que torna as fontes orais diferentes é a sua capacidade de nos informar sobre os significados dos acontecimentos:

Pero el dato insustituible es que las fuentes orales imponen a la historia, con una intensidad más acentuada que las otras, la subjetividad del narrador (...) Informan no solo los hechos, sino lo que estos significaron para quien los vivió y los relata; no solo respecto de lo que las personas han hecho; sino sobre lo que querían hacer, lo que creían hacer, o sobre lo que creían haber hecho; sobre las motivaciones; sus reflexiones, sus juicios y racionalizaciones (PORTELLI, 2016, p. 23).

Importante destacar que cada entrevista foi previamente agendada e realizada de uma única vez, a partir de um roteiro que abrange questões gerais visando obter respostas particulares a processos coletivos, como a vida no lugar de origem, as causas da emigração, a chegada ao país de recepção, a vida na sociedade de acolhimento, a inserção socioprofissional, as dificuldades no processo de adaptação, etc. Embora essas tenham sido as diretrizes, o ritmo da entrevista foi dado por cada entrevistado obedecendo às suas emoções e ao seu desejo de fala.

Vale ressaltar, também, que, por se tratar, a maioria das entrevistas, de falas vinculadas a líderes migrantes, as narrativas dizem respeito não somente às memórias individuais e à sua própria experiência migratória, mas também aos relatos vinculados aos espaços de luta coletivos e às organizações implementadas por esses migrantes. Com isso, temos um duplo relato: em primeira pessoa, o “eu” de quem emigrou;

e, na terceira pessoa, o “ele”/“ela” narrado pelo próprio imigrante, que implica sua atuação como líder em prol da sua coletividade.

Após a realização das transcrições, as entrevistas foram editadas para melhor compreensão do leitor e aproveitamento das experiências contadas pelos imigrantes. Cabe dizer que a edição de uma entrevista de história de vida é uma tarefa complexa, uma vez que o ritmo da memória é diferente do da razão e, por conseguinte, não obedece à cronologia, muito menos às normas gramaticais. Reuni as trajetórias das e dos migrantes para dar oportunidade de escutarmos suas vozes e refletirmos sobre como as pessoas compreendem suas vidas e suas escolhas, como do presente pensam o passado, como em suas vidas particulares interpretam os acontecimentos históricos e os custos psicológicos destes em suas trajetórias.

Um conjunto de nove entrevistas compõe a primeira fase desta pesquisa de base qualitativa. Entretanto, é importante salientar que, para este artigo, somente será usada uma delas de forma explícita – a de uma migrante mexicana, líder comunitária em Houston –, elencando trechos que dialogam e corroboram os temas a serem apresentados no artigo. Dessa forma, os demais testemunhos serão utilizados de forma indireta, servindo de apoio para as temáticas analisadas ao longo do texto. Utiliza-se a metodologia da chamadamicromicro-história, articulando as questões micro com o contexto geral, valorizando as percepções sobre o cotidiano, os aspectos sociais e culturais do contexto e os chamados “excluídos da História”. Por meio do paradigma indiciário, de Carlo Ginzburg (1987), buscaremos os detalhes considerados marginais, desconhecidos, mas que contribuem para a compreensão de padrões sociais e de comportamento de um determinado grupo. Nesse paradigma indiciário, de Ginzburg, buscamos os resíduos tomados como pistas, indícios, sinais, por meio, especialmente, das narrativas orais. Na aplicabilidade do saber indiciário, consideramos de extrema importância a microanálise e a redução da escala de observação do objeto. A partir da seleção de um pon-



to específico da realidade exemplificaremos conceitos gerais, como, por exemplo, os corpos descartáveis, a subalternidade migrante ou redes migratórias. O testemunho de Sonia servirá como base para entender as migrações forçadas, especialmente de mulheres latinas aos Estados Unidos e o papel delas como liderança em suas comunidades. Portanto, a partir de um caso individual, analisaremos parte das migrações forçadas aos Estados Unidos. Por último, também contribuem com a construção do texto as referências bibliográficas especializadas e estudos preliminares da presente autora, especialista em migrações forçadas na América Central e México em direção aos Estados Unidos (SARMIENTO, 2021).

Violência e resistência nos corpos migrantes: o caminho para os EUA

Movimentos migratórios, embora frequentes na história da humanidade, têm se intensificado no atual cenário geopolítico, desafiando as fronteiras que dividem o mundo em Estados-nação. Na distribuição desigual do sistema global, existem os migrantes desejados, os aptos, como numa seleção “natural”, e os excluídos. É necessário estar fora do sistema para que outros estejam dentro, pois, em algum momento, os excluídos poderão ser úteis para preservação da desigualdade social. Tal como argumenta Jorge Durand:

Las políticas migratorias suelen ser pendulares, por no decir bipolares. Cuando la economía crece y se expande, los inmigrantes son requeridos, reclutados, y suelen ser considerados como la solución perfecta por ser mano de obra barata, laboriosa y eficiente. En cambio, cuando los grandes proyectos y las cuentas nacionales o estatales van a la baja, los inmigrantes se convierten en una carga, son considerados innecesarios, tratados como desechables y conminados a que regresen a su país de origen (DURAND, 2017, p. 34).

Nesse cenário global, os corpos descartáveis apresentam-se como os principais desafios do século XXI, segundo a obra do antropólogo

francês Didier Fassin. Nesses corpos aparecem estampadas as marcas das desigualdades, imprime-se neles a violência, e inscrevem-se as normas de conduta que devem ser adotadas. Para Fassin (2018), a política se exerce sobre e por intermédio dos corpos, portanto repolitizar o mundo é replanejar a questão política e seus fundamentos: a vida, o corpo, a moral. O poder imprime a sua marca aos corpos, e nos corpos se encontra a verdade dos indivíduos.

Muitos fatores possibilitam a exclusão dessas vidas e as tornam vidas descartáveis, o que chamarei, também, em uma categoria de análise criada para interpretar as vidas migrantes, de corpos descartáveis. O que eu entendo como corpo? O corpo implica mortalidade, vulnerabilidade: a pele e a carne nos expõem ao olhar dos outros, mas também ao toque e à violência. O corpo, entendido como algo, é dotado de uma dimensão invariavelmente pública⁴. Se pensarmos o corpo constituído como um fenômeno social na esfera pública, ele deixa de ser algo próprio. Por isso existem tantos movimentos políticos de reivindicação de integridade corporal, porque temos o direito de reivindicar direitos de autonomia sobre nossos corpos (BUTLER, 2019, p. 46). E isso acontece com os imigrantes irregulares, com os milhares de corpos em trânsito, violentados pelo caminho, cruzando as trilhas pelos corredores da América Central, do México, até, provavelmente, chegar ao destino, os Estados Unidos.

E assim sucedeu com Sonia Rubio Rosas, migrante em Houston, oriunda do estado de Hidalgo (México), que atravessou duas vezes a fronteira México-Estados Unidos, em pouco menos de dois anos. Mulher, jovem, latino-americana, aos 18 anos de idade, no ano de 2001 decidiu deixar sua cidade, Misiones, e enfrentar a travessia clandestina pelas mãos dos coyotes.

Yo emigré a la edad de 18 años, llegué en el 2001. Todos los de mi edad estaban haciendo, em mi lugar de origen, el estado de Hidalgo. Te platican lo que podían hacer, llegaban manejando un auto, con ropa bonita. Esa fue la visión que me vine a esta edad⁵.



Na fala de Sonia, encontramos dois elementos importantes: as redes compostas pelos retornados e o que chamaremos de “privação relativa”. As redes migratórias mobilizam informações, recursos econômicos e apoio moral. Esse tipo de rede nas diversas mobilidades humanas tem sua relevância ressaltada também por Jorge Durand e Carmem Lussi (2015, p. 51):

A importância das redes em contexto migratório já foi muito explorada como uma categoria que ajudou e ajuda a explicar o fenômeno e as modalidades com as quais seus atores recriam soluções, desfrutam possibilidades e (re)inventam percursos de sociabilidade, mobilidade e reelaboração identitária.

O que chamamos de privação relativa diz respeito a como aqueles migrantes, especialmente os jovens da idade da nossa entrevistada ao migrar, sentiam ao entrar em contato com bens de consumo dos quais eles não tinham acesso. Como afirma Castells (2019, p. 73): “O produto do processo produtivo é usado pela sociedade de duas formas: consumo e excedente”. Sonia, ao se sentir desprovida desses bens materiais, alimentados por essas redes, resolveu arriscar e partir para os Estados Unidos, mesmo sabendo dos riscos da migração por terra, de forma clandestina.

As restrições fronteiriças obrigam muitos mexicanos e outros grupos majoritários de imigração aos Estados Unidos, como os centro-americanos, a optarem pelas rotas mais perigosas, sofrendo muitos tipos de violências, tornando seus corpos vulneráveis às intempéries da travessia, com o intuito de lograr o destino: o solo estadunidense.

Segundo Canales (2006, p. 61):

Aunque se ha expresado formalmente para una aplicación general, todos los esfuerzos legislativos y de implementación de políticas estadounidenses para controlar la inmigración no autorizada se han dirigido fundamentalmente a una única región, Latinoamérica, y a un país en concreto, Méjico, bajo el supuesto de que es precisamente en estos territorios donde se origina el

90% del «problema». Si borrásemos a Méjico y Latinoamérica del mapa, desaparecerían inmediatamente todas las dificultades de la sociedad americana atribuidas a la inmigración ilegal.

Não há limites para a superação humana quando o assunto é deixar o lugar de origem com as mais diversas privações para tentar o “sonho americano”. Como atestou o testemunho de Sonia:

Me vine con una prima, me invitó, tres mujeres, venía ella con su hija de 10 años. Tres mujeres cruzando la frontera. En ese entonces se pagaba 1800 dólares ... es increíble, creo que lo haces porque nunca lo has vivido, porque para llegar ahí a la frontera con gente obviamente desconocida. Te hablan duro, te hablan fuerte, no son educados contigo, te llevan, me encerraron a un cuarto y estás totalmente a su voluntad. Llegan y te dicen, hay que movernos para acá y ahí vas...⁶

Uma das principais características da migração mexicana nos Estados Unidos consiste na concentração de determinadas regiões que estão marcadas por rotas tradicionais, seja por aproximação geográfica, seja pela consolidação das redes sociais que funcionam como mecanismo de atração entre lugares de origem e destino. Nesse caso, destacam-se estados fronteiriços vizinhos como Califórnia e Texas, além da cidade de Chicago em Illinois. Não obstante, o constante incremento da migração mexicana sem documentos entre final do século XX e começo do XXI, apesar da vigilância constante da fronteira, foi abrindo novas rotas de destino no país vizinho, estendendo a presença mexicana para outras regiões, como Nevada, Oregon e Washington, e, também, para o leste, como Flórida, Nova York e Geórgia (SALAS, 2021, p. 256-257). No caso de Sonia, Texas foi o destino escolhido, seguindo a tradição migratória do seu local de origem.

As chamadas migrações clandestinas têm se tornado cada vez mais frequentes. A longa fronteira entre os EUA e o México alberga uma população circundante por onde transitam milhares de pessoas, a maioria das quais vive no lado sul.

Autoridades de EE.UU. reportan un promedio de siete días de más de 9.600 encuentros con migrantes cada día a lo largo de la frontera sur de EE.UU. en diciembre, según un funcionario de Seguridad Nacional, lo que se encuentra entre las cantidades más altas jamás registradas mientras el país lidia con un aumento sin precedentes⁷.

Claro está, mediante a realidade e as estatísticas, que o México se tornou um “estado- tampão”, passagem obrigatória e, também, permanência para milhares de migrantes que arriscam a vida todas as semanas, enfrentando a odisseia da entrada clandestina.

De várias formas, no mundo, as autoridades estatais ou aqueles que aspiram o poder do Estado promulgaram medidas de “emergência” como soluções autoritárias, justificadas por uma ou outra “crise”, em nome da qual “o povo” deveria ser protegido. Sempre haverá um desequilíbrio entre o controle estatal das políticas migratórias e as práticas migratórias. Embora tenha havido um avanço em relação ao enfoque dos direitos humanos, a compreensão da migração a partir desse viés ainda continua muito limitada. Segundo Nivia Marina Brismat, em seu artigo intitulado “Límites y transgresiones en la frontera: estados y migrantes en un mundo de movilidades desbordadas”:

Por una parte, las exigencias de seguridad de los estados acotan las acciones humanitarias en relación con los migrantes, e incluso tienen lugar acciones violatorias de los derechos humanos por parte de ellos mismos; por otra parte, se generan actos de omisión, desatención e indolencia que abocan a las personas, por el sólo hecho de no ser nacionales, a situaciones inhumanas: la separación de los niños migrantes de sus padres en Estados Unidos, la falta de voluntad de la autoridad migratoria mexicana para tramitar las solicitudes de los migrantes, o las alambradas en la frontera española, son muestra de que la protección del territorio y las fronteras siguen siendo la prioridad de los estados. Ante ello surge la pregunta sobre qué acciones emprender en un mundo de migraciones desbordadas y ante la

incapacidad del sistema estatal de cambiar políticas y dispositivos en el nuevo contexto (BRISMAT, 2020, p. 49).

Uma advertência significativa – não apenas isso – é o alerta de que existem limites para a precariedade das vidas e para a violência dos corpos. Entretanto, existe, também, dignidade, e existe a voz na subalternidade. Eles se fazem escutar seletivamente, habitando e construindo a partir da marginalidade, novos espaços de identidade e de resistência, onde se recuperam vozes, conhecimentos e práticas (SPI-VAK, 2003). No testemunho de Sônia, encontramos, por um lado, as violências sofridas em seu corpo feminino, e, de outro, também a resistência migrante. Ela conta que, ao cruzar a fronteira, na localidade de Matamoros (Tamaulipas, México), pelo rio, seus pés não alcançavam o fundo, e a única segurança que lhe foi oferecida pelos coyotes foram sacos plásticos transformados em boias. Entretanto, ao sentir medo, pois não sabia nadar, o *coyote*, vendo-a em uma situação de vulnerabilidade, lhe ofereceu ajuda, com a intenção de tocar nas partes íntimas de seu corpo.

Após sofrer abuso do coyote, que se aproveitou da situação de profundidade do rio para segurá-la e tocar o seu corpo sem seu consentimento, Sonia lhe exigiu que a soltasse, alegando que poderia cruzar o rio sozinha. Então, foi quando o coyote a soltou abruptamente e ela é levada pela correnteza do rio, à noite, sem nenhum tipo de iluminação e visão da outra margem. Essa situação de terror, marcada também pelo abuso sexual, trouxe a Sonia flashes de memórias traumáticas, que ela alega não ter relatado até esta entrevista. Mas, após 20 anos do ocorrido, isso ainda está nítido em sua mente, como um estado de sofrimento impossível de se esquecer. O termo “sofrimento” possui dois significados amplos no discurso do dia a dia. Em primeiro lugar, o sofrimento associa-se à dor relacionada ao corpo, bem como aos períodos de consciência de acompanhamento ou antecipação da dor. Já o segundo modelo de dor inclui estados descritos, sob vários modos, como psicológicos, existenciais ou es-

pirituais, referenciados por “desespero” e “desolação”, tendo dimensões sociais ou morais. As experiências causam emoções intensas e, conseqüentemente, dor e doença (YOUNG, 1997, p. 246).

A partir dessa situação vivida por Sonia, continuo as reflexões inspirando-me em Judith Butler, para avançar com a noção normativa do humano. A noção do que deve ser um corpo humano. Por exemplo, existe um diferencial nos grupos, seja ele racial, étnico, que sustenta noções culturalmente viáveis do humano, aquelas que vemos representadas muitas vezes de maneira dramática e aterradora no cenário global. Chega-se a tal ponto que existe uma desumanização das vidas e do próprio luto, ou seja, a exclusão e a criminalização da imigração, por um lado, e, por outro, o silenciamento da dor e da morte de milhares de migrantes que tentaram realizar a travessia – como, por exemplo, os corpos do deserto do Arizona, na fronteira México-Estados Unidos –, os milhares de homens e crianças que tentaram chegar aos Estados Unidos pelo caminho mais tortuoso, e cujas mortes não foram contabilizadas, nem sequer notadas, ou foram propositalmente silenciadas. Segundo Butler, o status subsequente que confere a condição de sem-estado a um número indefinido de pessoas torna-se o meio pelo qual elas estão, ao mesmo tempo, discursivamente constituídas em um campo de poder e juridicamente destituídas; pessoas sem estado são destituídas e restringidas por operações jurídicas e militares do poder de Estado (BUTLER; SPIVAK, 2018, p. 23).

No caso das mulheres, também é fundamental atentar para a questão do gênero. Segundo Bourdieu (2000, p. 54), a violência simbólica opera de forma suave e invisível, entre outros fatores, porque está inscrita nas profundezas dos corpos e, como por arte da magia, encontra-se fora de qualquer coerção física. Muitas vezes, ela virá a ser expressa em emoções corporais, tais como vergonha, humilhação, timidez, ansiedade ou culpa, mas também em paixões e sentimentos, que aparecem no rubor, confusão verbal, falta de jeito, tremor, raiva ou raiva impotente – todos esses sentimentos com efeitos claros so-

bre o próprio corpo e seu funcionamento. O princípio dominante da visão não é uma simples representação mental, um fantasma ("algumas ideias na cabeça"), uma "ideologia", mas um sistema de estruturas inscritas de forma estável nas coisas e nos corpos. Portanto, a violação da intimidade, a violência perpetrada no corpo das mulheres migrantes, o abuso sofrido por quem deveria protegê-las revela que o papel masculino está permanentemente exposto à demonstração de virilidade e medo enquanto o papel feminino é a existência para o olhar dos outros, particularmente dos homens. A força da ordem masculina é descoberta no fato de que ela dispensa qualquer justificação: a visão androcêntrica se impõe como neutra e não sente a necessidade de se enunciar em discursos capazes de legitimá-la.

Mulheres em geral, e mais ainda o caso daquelas consideradas racializadas, que migram do Sul para o norte global, que estão à margem do discurso da supremacia branca, na escala da vulnerabilidade, encontram-se sempre sob o jugo da sociedade e do universo masculino que as controlam. As mulheres estão marcadas pelas sociedades patriarcais, pela violência da dominação e que, em decorrência disso, vivem um silêncio estrutural, dentro da proposta do capitalismo ocidental, que coloca a figura masculina como o centro. O sujeito subalterno tem voz e fala, mas não é escutado, é silenciado, como foram essas mulheres ao longo de suas experiências migratórias.

O silêncio de Sonia se rompeu ao conceder-me essa entrevista, pois, como ela mesma confessou, nunca havia falado sobre o tema. Acredita que sua companheira de travessia, com quem possui contato até os dias atuais, também passou pela mesma situação de abuso; no entanto, nunca quis comentar o tema: "Yo le pregunté si él (el coyote) también le había tocado, pero siempre se calla y cambia de asunto". Entretanto, esse sujeito sem voz, marginalizado, só o é aparentemente, pois se faz escutar, habitando e construindo novos espaços de identidade e de resistência, onde se recupera sua voz, seus conhecimentos e suas práticas. O desafio se encontra na maneira

de escutá-las, de dialogar com elas e nas formas de incorporação de suas vozes, relatos, conhecimento e experiências à reescritura da história e à sua reivindicação epistêmica (DÍAZ, 2022, p. 75). Elas possuem uma lógica própria e interna frente ao sistema hegemônico que trata de submetê-las: os sujeitos oprimidos falam, atuam e se conhecem por si mesmos, além da representação retórica que os aborda (SPIVAK, 2003). Por isso, é importante deixar essas mulheres falarem e tomarem as rédeas de sua história como forma de romper com o discurso predominante. Foi assim que Sonia rompeu com o abuso sofrido quando se sentiu refém do coyote, enfrentando o perigo antes de deixar que tocassem partes íntimas de seu corpo, por ser mulher, por ser imigrante e por encontrar-se sozinha em uma situação adversa. Essa foi uma forma de resistência e de manter a sua dignidade, mesmo em um momento de alta periculosidade.

A perseverança e a resiliência imiscuídas aos embates sofridos pela condição feminina em sociedades patriarcais, elevam as mulheres a práticas contra-hegemônicas, de luta constante contra a submissão que lhes é imposta, para não serem julgadas e condenadas pela sua própria comunidade. O patriarcado consiste em um fenômeno de época, claro está, que independe das migrações e da nacionalidade ou do lugar de origem das mulheres, mas as migrações, sim, afetam e mudam as vidas das mulheres e suas percepções de mundo. Elas tiveram que se habituar a um novo *modus vivendi operandi*, ou seja: se reinventar, resistir, silenciar-se, porque mesmo com as mudanças trazidas pelos fluxos migratórios, certas continuidades e permanências prevalecem, como o papel da mulher, as suas funções, a estrita vigilância social à sua conduta.

Dentro do sistema de exclusão, o determinismo biológico e a questão racial são prioritários para reafirmar a supremacia branca, como acontece com latino-americanos que migram aos Estados Unidos. O discurso de cunho xenófobo e racista, a doutrina da supremacia branca⁸, velha conhecida, faz-se presente mais uma vez para prote-

ger as fronteiras da entrada das consideradas “sub-raças” localizadas abaixo do Rio Bravo, dentre as quais se encontram latino-americanos (em sua maioria esmagadora, centro-americanos) e também haitianos, que carregam seus corpos de pele negra. Apesar de ser um país formado por imigrantes de diferentes nações, as políticas identitárias que defendiam a superioridade racial sempre fizeram parte da história estadunidense, da formação da nação, assim como as lutas e resistência dos grupos considerados inferiores. Dessa forma, os imigrantes – principalmente determinados grupos – sempre foram alvos discriminatórios (como podem ser os mexicanos ou os asiáticos), mas também se tornaram, em muitos momentos, tecedores de resistências nas diferentes situações de opressão que unem todos os grupos (Lepore, 2020, p. 768). O discurso representa um instrumento de poder que determina condutas e valida políticas, mas é preciso atenção e muito cuidado ao lidar com tal instrumento, porque ele é capaz de possibilitar práticas cruéis e políticas que reforçam estereótipos, segregações, inimizades e extermínios. No caso aqui tratado, acrescentamos a teoria de Achille Mbembe, inspirada em Foucault, mas que vai além, relacionando o discurso ao racismo de Estado para compreender as perseguições do século XXI. Esse racismo presente nas sociedades contemporâneas fortaleceu as políticas da morte – a necropolítica – termo cunhado por Mbembe.

No caso da América Latina, os corpos descartáveis, os sem estado, que se dirigem para as fronteiras estadunidenses, sofrem a dupla necropolítica: nos países de origem, com a impossibilidade de permanecer, e nas fronteiras mexicanas, onde as políticas vão ditar quem pode viver, quem deve morrer. Naturalmente, deixa-se morrer, pois se categoriza quem deve ser refugiado, que ser humano deve ser legalizado, regulamentado, quem pode passar ou não na linha de fronteira.

El problema de la inmigración indeseable es global. El capital tiende a eludir las barrenas nacionales, pero los Estados las refuerzan, respondiendo a lógicas no siempre compatibles. Se

negocian y ponen en vigencia tratados de libre comercio (TLC) que consagran la libre movilidad de las mercancías y los flujos financieros, pero no así de las personas, otorgando así al capital mejores condiciones para explotar al trabajo. Esto ocurrió hace dos décadas, por ejemplo, cuando se aprobó el Tratado de Libre Comercio de América del Norte (TLCAN, conocido como NAF-TA, por su sigla en inglés), que alentó la instalación de maquilas en México, pero no permitió la libre circulación de trabajadores (MORGENFELD, 2016, p. 18).

O corpo destinado a morrer é aquele que está em risco de morte a todo instante devido ao parâmetro definidor primordial da raça, ou seja, os migrantes latinos, centro-americanos, mexicanos e todos os que estão abaixo da linha fronteiriça estabelecida. Uma zona da morte, destinada a armazenar esse exército de reserva que servirá ou não aos interesses da necropolítica⁹. Dessa forma, a coisificação do ser humano traz a proposta da violência espacial, da punição dos milhares de deslocados considerados excedentes e indesejáveis, tornando-os desprovidos de decisões acerca de suas vidas, tornando-os prisioneiros de sua própria experiência migratória.

Os alvos desse tipo de conflito não são de maneira alguma corpos singulares, mas sim grandes pedaços da humanidade julgados inúteis ou supérfluos, uma humanidade residual que é vista como descartável. As populações serão cada vez mais tratadas dentro dos limites de uma estrutura utilitária e bio-fisiológica-orgânica¹⁰.

A reação das vidas descartáveis, dos corpos descartáveis, diante do sistema de opressão e das necropolíticas, seguidas das necro-fronteiras (chamemo-las assim), pode ser vista em distintas formas de resistência migrante. A luta pela vida na decisão de migrar e o desafio do cruzamento “ilegal” já pode ser considerado um ato de resistência, individual, e que envolve milhares de pessoas, mexicanos, centro-americanos, entre outras nacionalidades. Por isso, a memória de Sonia, ao recordar as condições de sua travessia, até cruzar a fronteira, trans-

forma-se numa memória coletiva, numa história que se repete, e que só pode ser contada pelos que sobreviveram, obviamente, mas que, por sua vez, não permite silenciar a memória, também daqueles que se foram, mortos arriscando sua vida no percurso migratório.

Entretanto, cabe aqui contar, no curto espaço que nos proporciona um artigo acadêmico, como os traumas, que cada indivíduo sofre, transformam-se em resistência e luta coletiva. Como sinaliza Bárbara Rosenwein (2011, p. 37), devemos levar em consideração o papel social das emoções, pois elas não apenas são socialmente construídas e sustentam e reforçam sistemas culturais, mas também agem sobre relações humanas em todos os níveis, da conversa íntima entre cônjuges a relações globais. Essas sociedades marcadas pelas migrações modificam sua forma de ver o mundo, passam a se organizar em função dessas experiências, e a coletividade está vinculada aos afetos e emoções que os movimentos migratórios produzem. Isso se percebe nas entrevistas com líderes migrantes, como a de Sonia, emocionada ao recordar tudo que viveu até hoje: “Yocreo que este... de lafuerzadel migrante, de saber que sí está haciendo la diferencia, si aqui venimos a cumplir promesas, a cambiar lo que hemos vivido hasta este día y ya”¹¹.

E essa “diferença”, como argumentou Sonia, que vem da força do imigrante, transformou-se em ações coletivas, que surgem para suprir a ausência do Estado e da terra de origem, tanto em questões materiais como afetivas. E nisso consiste, também, o papel social das emoções e o modo como as redes sociais formadas pelas migrações, pelo vaivém ao longo do tempo constituído pelas cadeias migratórias, exercem função de apoio e equilíbrio das emoções, despertando os sentimentos de solidariedade e amenizando o sofrimento e os traumas causados pelas experiências migratórias, pelo desenraizamento e pelas perdas materiais e afetivas. As experiências históricas dos deslocamentos ampliaram as distâncias entre pessoas, dilatando a sensação de ausência, suscitando sentimentos de saudade que geraram a necessidade de comunicação e os esforços de aproximação.



Para os líderes migrantes, como Sonia, é fundamental envolver-se com seu grupo de origem, criar oportunidades e fazer de sua luta pessoal vitórias coletivas. Como foi o caso da Federación Unión Hidalgoense, fundada em 2008, a partir de um grupo de migrantes originários do estado de Hidalgo (México).

La Federación se llama Federación Unión Hidalgoense, hacíamos eventos culturales, deportivos. Hicimos muchas mejoras para nuestras comunidades de origen, de diferentes municipios. Hicimos acuerdos aquí en Estados Unidos funerarias, iban organizaciones a enseñarles cómo sacar una tarjeta dorada que es para la salud, como hacer que sus hijos tengan la doble nacionalidad, como adquirir un pasaporte aquí en Estados Unidos. Porque yo, siempre digo que me gusta aprender y todo lo comparto, entonces, al tener toda esa comunidad, retroalimentación yo con el Consulado y la gente conmigo¹².

No testemunho de Sonia, ficou nítido como os atores são apreendidos como sujeitos ativos na construção de suas ações, em vista de suas necessidades e interesses específicos, na relação com outros atores. A informação e o auxílio relativo à burocracia migratória são ações cruciais para os migrantes saírem adiante na sociedade estadunidense. Ao dominar o idioma inglês, os que já se encontram assentados podem colaborar para compreensão da documentação e de todo procedimento de regularização de status migratório que o recém-chegado desconhece, seja pelo idioma – que é a primeira barreira – seja pela dificuldade da própria tramitação.

A Federação Unión Hidalgoense se organiza para pagar serviços funerários, custosos no país e sem acesso a muitos migrantes em condições econômicas mais precárias. Nisso, consiste a capacidade de ação, que é também o elemento constituinte das coletividades: grupos, categorias sociais, representantes de Estado, organizações de igreja, por exemplo, são forças capazes de agir nos eventos, processos sociais, relações entre os atores etc.

Todos os atores sociais, indivíduos ou coletividades, possuem, de alguma forma, certa capacidade e conhecimento para agirem nas mais diversas situações sociais. Sonia, por exemplo, a partir de suas experiências de vida, resiliência e resistência, desde o momento em que saiu de sua cidade natal, no México, usou esse conhecimento para colaborar com os patrícios que requerem sua ajuda. Funcionou como uma intermediária entre autoridades governamentais e sociedade:

... entonces también creamos esta red, se hizo algo muy hermoso, y nos tenemos grandes amistades. El día que se requiere, nos volvemos a juntar, a trabajar juntos y se creó esta gran amistad y, yo creo, algunas para siempre, hasta que nos toque partir de este mundo (...) a partir de ahí se abrieron muchas puertas para mí, con el Consulado, con la ciudad de Houston, relaciones con el Departamento de la Policía de Houston, que se requiere, abogados, contactos conabogados. Cuando encontramos a algún migrante, tenemos la confianza de llamar a esta persona, que lo busque, con la policía, con el sheriff, con redes de salud. Se hicieron muy buenas relaciones que hasta el día de hoy siguen¹³.

Como afirma a entrevistada: “Soy uma mulher que me encanta hacer voluntariado, siempre he sido voluntario en las escuelas de mis hijos, los clubes donde han estado jugando deporte, y en la Federación Hidalguense...”

A partir do testemunho de Sonia, percebo como é importante observar as práticas cotidianas das mulheres imigrantes, entendidas como práticas políticas, tanto por seu poder questionador das representações hegemônicas da própria categoria mulher migrante, como por sua capacidade de agência e de auto-organização contra as posições de subalternidade nas quais se encontram.

Reflexões finais

A partir de um conjunto de entrevistas com migrantes e líderes migrantes em Houston, selecionou-se o testemunho de Sonia Rubio Rosas, mulher mexicana, migrante por terra desde o ano de 2001, em



Houston, sem status migratório regular. Por meio de sua fala, buscou-se questões que são latentes nas migrações forçadas, como o cruzamento por terra da fronteira México-Estados Unidos, as violências sofridas pelos chamados corpos descartáveis e racializados, a desumanização das vidas e os abusos sofridos pelas mulheres migrantes ao longo do percurso migratório. As violências perpetradas pelos Estados em suas “fronteiras da morte” foram remarcadas por Sonia, em sua fala carregada de emoções, de sofrimento e traumas.

A narrativa aqui apresentada demonstrou, em parte, como os sujeitos sociais são construídos por experiências diversas de deslocamentos no espaço social, no trabalho, na família, bem como por sua condição de gênero, raça, nacionalidade ou origem. A partir de uma história individual, objetivou-se sinalizar questões prioritárias no espaço migrante, como, por exemplo, as associações e redes de apoio, como bem demonstrou Sonia, ao ser uma das fundadoras da Federação UniónHidalguesa, na cidade de Houston. É importante ressaltar a resignificação do sofrimento dos migrantes, das dificuldades – em ações coletivas – de apoio mútuo em redes, como forma de amenizar tanto o sofrimento individual, como o social.

Dessa forma, tem-se diante de si um relato de uma mulher migrante latino-americana, de origem mexicana, que reúne elementos, com base em sua experiência e trajetória migratória, para análise das migrações forçadas no século XXI.

Bibliografia

BOURDIEU, Pierre. **La dominación masculina**. Barcelona: Anagrama, 2000.

BRISMAT, Nivia Marina. Límites y transgresiones en la frontera: estados y migrantes en un mundo de movilidades desbordadas. In: CONDE, Evelia Arteaga & ORTIZ, Roxana Rodríguez (coord.). **Tensiones y porosidades: Fronteras que resignifican la vida**. Ciudad de México: Universidad Autónoma de la Ciudad de México, Editorial Itaca, 2020.p. 37-52.

BUTLER, Judith. **Vida precária: Os poderes do luto e da violência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

BUTLER, Judith; SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Quem canta o estado-nação?** língua, política, pertencimento. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2018.

CANALES, Alejandro. La nueva nación latina: inmigración y la población hispana de los Estados Unidos. **Reis**, n. 116, p. 55-96, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A Era da informação: economia, sociedade e cultura, Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **Histoire des émotions**: De la fin du XIX^e siècle à nos jours. v. 3. Paris: Le Seuil, 2017.

DELUERMOZ, Quentin et al. Écrire l'histoire des émotions: de l'objet à la catégorie d'analyse. **Revue d'histoire du XIX^e siècle**, n.47, dez. 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rh19/4573>. Acesso em fevereiro 2025

DURAND, Jorge. **La inmigración como amenaza en Estados Unidos**. Anuario CIDOB de la inmigración, p. 32-49, 2017.

DURAND, Jorge; LUSSI, Carmem. **Metodologia e teorias no estudo das migrações**. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2015.

DÍAZ, Sergio Prieto. **Cartografías de la subalternidad migratoria**: bestialización, inhumanidad y contrahegemonía en la frontera México. Quinta Roo: México: El Colegio de la Frontera Sur, 2022.

FASSIN, Didier. **Por una repolitización del mundo**: Las vidas descartables como desafío del siglo XXI. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2018.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

LEPORE, Jill. **Estas verdades**: a história da formação dos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

MENEZES, Marilda A.; COVER, Maciel. Trabalhadores migrantes: formas de resistência cotidiana. Travessia – **Revista do Migrante**, v. 31, n. 83, p. 79-88, maio/ago. 2018.

MORGENFELD, Leandro. Estados Unidos: Trump y la reacción xenófoba contra la inmigración hispana. **Conflicto social**, v. 9, n. 16, p. 15-33, jul./dez. 2016.

PORTELLI, Alessandro. **Historias orales**. Narración, Imaginación y diálogo. La Plata: Prohistoria ediciones, 2016.

ROSENWEIN, Barbara H. Les communautés émotionnelles et le corps. **Médi-éves. Langues, Textes, Histoire**, n. 61, p. 55-75, 2011.





SALAS, Rodolfo Rubio. La geografía de la migración mexicana sin documentos con destino a Estados Unidos, 1995–2015. In: ALMANZA, María Teresa Martínez (coord.). **Migración: una mirada multidisciplinar**. Ciudad de México: Tirant lo Blanch, 2021, p. 250–275.

SARMIENTO, Érica. **Migrações forçadas, resistências e perspectivas: América Central, México e Estados Unidos (2016–2020)**. São Paulo: Intermeios, 2021.

SPIVAK, GayatriChakravorty. Puede hablar el subalterno? **Revista Colombiana de Antropología**, v. 39, p. 297–364, jan./dez. 2003.

Notas

- 1 A pesquisa foi realizada a partir de uma bolsa para uma estância de pesquisa concedida pelo Baker Institute for PublicPolicy, na Rice University (Houston, Estados Unidos), no mês de maio de 2024. Agradecimentos ao diretor do Instituto, Dr. Tony Payan, pelo convite. Conteí, também, com o apoio dos programas Próciência (UERJ), Cientista do Nosso Estado FAPERJ e Produtividade CNPQ.
- 2 Professora Associada de História da América (UERJ). Orcid nº 0000-0001-6133-4328. E-mail: erisarmiento@gmail.com.
- 3 As entrevistas estão autorizadas pela Associação Brasileira de História Oral, seguem as orientações dela, e possuem domínio de caráter público, com autorização para o uso público do testemunho para fins acadêmicos. Para maior entendimento vid SANTHIAGO, Ricardo. Levantando a quarta parede: história oral e entrevistas públicas. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 47, n. 2, p. 1-17, maio-ago. 2021 |
- 4 Desenvolvo e compreendo esse conceito a partir da filósofa estadunidense Judith Butler, em sua obra, *Vida precária. Os poderes do luto e da violência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- 5 Entrevista a Sonia Rubio Rosas concedida a Érica Sarmiento no dia 11 de maio de 2024, na cidade de Houston (Texas).
- 6 Entrevista a Sonia Rubio Rosas concedida a Érica Sarmiento no dia 11 de maio de 2024, na cidade de Houston (Texas).
- 7 Alvarez, Priscila. La cantidad de migrantes que las autoridades de EE.UU. encuentran en la frontera alcanza nuevos récords en medio de un aumento sin precedentes. CNN, 22 de dezembro de 2023 <https://cnnespanol.cnn.com/2023/12/22/autoridades-numero-record-migrantes-frontera-trax/> visualizado dia 06 jun. 2024.

- 8 Domenico Losurdo, no livro *Colonialismo e luta-anticolonial* discute a teoria da whitesupremacy (Supremacia branca) nos Estados Unidos e sua influência na Europa na primeira metade do século XX: “O fato é que muito antes do advento do Terceiro Reich, os Estados Unidos da whitesupremacy, são um modelo para aqueles que almejam a adoção, também na Alemanha e no Império Austro-Húngaro, de uma política racial e eugênica”. A temática por si só é muito ampla, já muito estudada e merecedora de vasta bibliografia, que infelizmente não abordaremos aqui, pois fugiria ao propósito desta pesquisa. Losurdo, Domenico. *Colonialismo e luta-anticolonial. Desafios das Revoluções no século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 103.
- 9 Disponível em: <<http://afita.com.br/outras-fitas-descolonizacao-necropolitica-e-o-futuro-do-mundo-com-achille-mbembe/>>. Acesso em: 30 de março de 2020.
- 10 Disponível em: <<http://afita.com.br/outras-fitas-descolonizacao-necropolitica-e-o-futuro-do-mundo-com-achille-mbembe/>>. Acesso em: 30 de março de 2020.
- 11 Entrevista a Sonia Rubio Rosas concedida a Érica Sarmiento no dia 11 de maio de 2024, na cidade de Houston (Texas).
- 12 Entrevista a Sonia Rubio Rosas concedida a Érica Sarmiento no dia 11 de maio de 2024, na cidade de Houston (Texas).
- 13 Entrevista a Sonia Rubio Rosas concedida a Érica Sarmiento no dia 11 de maio de 2024, na cidade de Houston (Texas).

